



## O QUE PENSAM AS CRIANÇAS SOBRE A TELENÓVELA: a recepção e a ressignificação de *Viver a vida*<sup>1</sup>

Isabel OROFINO<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo traz uma reflexão sobre a temática das relações entre mídia, telenovela e recepção junto ao público infantil. O recorte teórico-metodológico deverá focar nos estudos culturais e nas teorias das mediações para a pesquisa com as crianças. O artigo está organizado em duas partes: (i) apresentamos o debate teórico sobre uma possível ruptura epistemológica na teoria sobre mídia e infância; e (ii) uma reflexão de caráter metodológico sobre a pesquisa participante realizada com 30 crianças em uma escola pública: a Escola Municipal de Ensino Fundamental Caíra Alayde Alvarenga Medéia localizada na Freguesia do Ó, nas margens da cidade de São Paulo. Esta pesquisa integra projeto maior<sup>3</sup> que remete à problematização das relações entre comunicação, consumo e cidadania. O objeto é a recepção da telenovela *Viver a Vida* (Rede Globo, 2010) e as transmediações da textualidade televisiva via novos meios e dispositivos digitais. O trabalho contou também com uma iniciativa de mídia-educação que resultou na produção de cinco webnovelas com a participação das crianças.

**PALAVRAS-CHAVE:** telenovela; recepção; crianças; consumo de tecnologias.

### Crianças, consumo, mídia

Este artigo propõe uma reflexão sobre a atividade da criança enquanto leitora competente de telenovela em suas relações com os seus conteúdos e com os usos de tecnologias para ter acesso a estes. Para alcançar a meta de dedicar atenção, em profundidade, ao discurso produzido por crianças acerca da recepção da telenovela, da transmedialidade e dos imaginários de consumo realizamos um trabalho de campo, de caráter etnográfico, com crianças de classes populares (C,D e E) estudantes da Escola Municipal de Ensino Fundamental na comunidade Morro Grande, Freguesia do Ó

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo/PPGCOM/ESPM SP, email: [iorofino@espm.br](mailto:iorofino@espm.br).

<sup>3</sup> A referida pesquisa tem o seguinte título provisório *Concepções e práticas de consumo na ficção televisiva: a construção das várias representações nas narrativas das diferentes plataformas e a presença delas na cena sócio-midiática*. Será realizada pela equipe de professores do PPGCOM-ESPM sob a coordenação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Aparecida Baccega junto à rede OBITEL – Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva.



(EMEF Morro Grande). Nossa amostragem é de um grupo de 36 crianças com idade entre 10 e 12 anos que freqüentava a 4ª. Série do Ensino Fundamental. A permanência em campo se deu ao longo de seis meses, de julho a dezembro de 2010. A pesquisa de campo foi realizada com visitas semanais. Nos seis meses em que freqüentamos a escola interagimos com os estudantes da 4ª. série, professores, trabalhadores da segurança, limpeza, cantina e profissionais da direção e da secretaria. Junto à 4ª. Série realizamos a pesquisa com o uso das seguintes técnicas: fotografia (produção de retratos e auto-retratos); desenho do bairro e da casa; redações sobre o bairro e a casa; questionário de identificação e consumo de tecnologias; entrevista semi-estruturada sobre recepção e imaginários do consumo; produção de 5 webnovelas com a participação das crianças.

Dentre os objetivos da pesquisa estava a verificação dos usos sociais dos novos dispositivos digitais (novas mídias) por parte das crianças de classes populares, uma vez que nas últimas décadas houve um aumento significativo nos índices de consumo entre as classes populares no Brasil. O trecho de uma reportagem publicada no site Jornal-e uma empresa de consultoria em estudos de mercado, ilustra o movimento:

“O consumo de bens não duráveis cresceu 9,7% em volume médio no terceiro trimestre de 2009 no comparativo com igual período de 2008. As classes D e E foram as campeãs de consumo, com expansão de 16,8%. A classe C registrou um aumento de 7,7% no volume médio de compras, enquanto as classes A e B aumentaram o consumo em 5,2%. Os dados constam de estudo da LatinPanel, maior empresa de pesquisa de consumo domiciliar da América Latina, que capta semanalmente os dados de consumo em 8,2 mil domicílios brasileiros. A amostra avalia a performance de mais de 70 categorias e representa 91% do potencial de consumo domiciliar do país.

O gasto médio pelas famílias com as cestas de alimentos, bebidas, higiene pessoal e produtos de limpeza cresceu 10,7% no terceiro trimestre de 2009, ante o mesmo período de 2008. As classes D e E puxaram a expansão, com 14,3% de aumento de gastos. O segundo maior crescimento se deu na classe AB (9%). Seguida pela classe C (8,4%). A categoria de alimentos, com um aumento em volume médio de 13,8% no terceiro trimestre de 2009, ante o mesmo período de 2008, foi a principal responsável pelo crescimento do consumo de bens não duráveis. Limpeza ficou logo em seguida, com ascensão de 9,2%, e bebidas em terceiro, com 6,2%. A cesta de higiene e beleza cresce porém em menor patamar, com 3,1%.”  
<http://jornale.com.br/mirian/?p=7407>. Acesso: 25/04/11.



Com isso criou-se uma nova euforia de mercado em nosso país nas últimas décadas, um olhar quase desesperado da publicidade para as classes C, D e E que passaram a representar uma fatia significativa no conjunto de consumidores. Mas a erradicação da miséria e a construção da cidadania não se medem apenas pelo indicador do consumo, ainda que o consumo material e simbólico seja constitutivo da cidadania. É necessário considerar também a melhoria das condições de vida com relação à saúde, educação, trabalho, segurança, acesso aos bens culturais, entre outros.

Se a ampliação do consumo de tecnologias digitais é importante para a garantia do acesso e da inclusão digital das crianças à cena sócio-midiática contemporânea, por outro lado o consumo de bens tangíveis (tecnologias) não é determinante para uma condição de vida melhor. No Brasil ainda os problemas infra-estruturais são grandes demais para acharmos que a mídia sozinha irá fazer qualquer mudança estrutural. É bom mantermos em mente, como fala Marcio Pochmann, na revista *Caros Amigos*:

“Nós estamos iniciando o século 21 com problemas do século 19, nós estamos ainda com problemas de países subdesenvolvidos, pois país desenvolvido não tem pobreza, pobreza extrema, tem pobreza relativa, tem outras formas de manifestação da pobreza. Nós estamos atingindo esse patamar de ter no horizonte o fim da pobreza extrema de forma tardia porque pelo patamar econômico que o Brasil atingiu já nos anos 70, início dos anos 80, já não era adequado ter indicadores de pobreza como ainda tinha.”

O maior acesso ao computador, ao telefone celular, e à compra do automóvel ainda precisa de articulação e vínculo às melhores condições infra-estruturais das sociedades. Pois precisamos avançar muito na conquista de políticas públicas para uma sociedade inclusiva e democrática.

### **A atividade da criança frente às mídias**

No início do ano de 2010 o Instituto Alana<sup>4</sup>, (uma ONG de defesa dos direitos da criança frente ao consumismo com sede na cidade de São Paulo) promoveu em evento com o título 3º Fórum Internacional Criança e Consumo. As palestras realizadas ao

---

<sup>4</sup> Segundo o texto de apresentação do site da organização: “O Instituto Alana é uma organização sem fins lucrativos criada em 1994 que tem como missão fomentar e promover a assistência social, a educação, a cultura, a proteção e o amparo da população em geral, visando a valorização do homem e a melhoria da sua qualidade de vida, conscientizando-o para que atue em favor de seu desenvolvimento, do desenvolvimento de sua família e da comunidade em geral, sem distinção de raça, cor, posicionamento político partidário ou credo religioso. É também incumbência do Instituto desenvolver atividades em prol da defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes relacionadas a relações de consumo em geral, bem como ao excessivo consumismo ao qual são expostos.”

Fonte: <http://www.alana.org.br/Institucional/Instituto.aspx> (acesso em 25/05/11).



longo dos três dias do evento reiteraram, uma após a outra, a vulnerabilidade e a impotência da criança que nasce e cresce inserida na lógica da sociedade de consumo. Foi chocante verificar naquele momento, tão amplamente divulgado na cidade de São Paulo, a carência de pesquisas que e levassem em conta a fala das crianças, e de pesquisadores que as ouvissem, que fossem mediadores e nos contassem o que as crianças tinham a dizer. O Instituto Alana realiza um trabalho que reiteradamente se apóia na tese do receptor passivo ou da criança impotente diante da sociedade de consumo. Mas como a teoria contemporânea discute o lugar social da criança neste cenário de mudanças profundas?

Como destacamos anteriormente (Orofino, 2011) a problemática das relações entre mídia e infância tem sido objeto de um longo percurso de investigações internacionais, realizadas a partir de diferentes enfoques teórico-metodológicos. Desde as primeiras iniciativas da pesquisa de comunicação de modelo funcional, passando por análises de ordem psicológica com ênfase behaviorista, até estudos marxistas críticos, verifica-se uma ênfase na preocupação com o poder da mídia em relação à criança, compreendida enquanto vítima frágil e manipulável aos apelos de violência, sexualidade precoce e consumismo, por exemplo (Buckingham, 2007). Prevalece, neste percurso histórico, por um lado uma *visão moralista* de preocupação com os excessos da violência e do estímulo à sexualidade precoce, e por outro lado, em um viés crítico, a fragilidade na relação à *ideologia* diante de uma condição de vulnerabilidade reflexiva da criança frente às textualidades midiáticas de produção comercial. São raras as pesquisas que se interessam pela condição da criança enquanto receptor ativo, capaz de “se defender”, de escolher ou de resignificar o que a mídia coloca em pauta.

Neste sentido, as contribuições dos estudos culturais<sup>5</sup>, em suas diferentes formas e lugares territoriais de abordagem (seja o Reino Unido, a América Latina, a América do Norte, entre outros) trazem uma grande contribuição para a superação da visão maniqueísta, pautada por freqüentes oposições binárias, que demarca a trajetória dos estudos sobre mídia, infância e consumo. Os estudos culturais, em suas diferentes

---

<sup>5</sup> Aqui nos referimos às múltiplas iniciativas da pesquisa crítica contemporânea que vem sendo desenvolvida em muitos países e que recebe nomenclaturas diferentes, mas que tem como objetivo verificar empiricamente como se processam estas negociações em torno da produção social do significado. Referimos-nos aos *estudos de recepção*, *etnografias de audiências*, *estudos de consumo cultural*, *estudos de usos sociais dos meios*, entre outros.



realizações, têm buscado problematizar as complexidades nas relações de apropriação e consumo das tecnologias e seus múltiplos discursos, compreendendo a cena sócio-midiática como lugar de conflito e luta em torno do significado, como algo que não está dado à priori, mas que está em processo, em permanente de negociação. E que nem sempre atende aos interesses do mercado, mas que também atende aos interesses dos diferentes setores da sociedade civil (Canclini, 1995; Martín-Barbero, 1997).

### **Novos paradigmas para os estudos sobre mídia e infância**

Edgar Morin (2000) em *Os sete saberes necessários à educação do futuro* destaca que precisamos compreender que o ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. A fragmentação nas interpretações sobre a constituição do ser humano e a infância assola o conhecimento que temos disponível. É preciso buscar uma leitura integradora e sobrepor diferentes matizes do problema. Assim, buscamos alguns olhares parciais sobre o conceito de infância que iremos apresentar na seqüência deste texto. Porém, no contexto das mudanças sociais contemporâneas há também as crises e rupturas de paradigmas. E que implicações isto traz para os estudos de recepção e mediações com crianças?

Um olhar histórico vai mostrar que se pensarmos em termos de uma teoria da sociedade de massa, não é incorreto afirmar que a televisão foi a grande vilã nos estudos modernos sobre mídia e infância. A imagem da criança passiva diante da mídia foi muito recorrente: meninas e meninos narcotizados, hiptonotizados, olhos vidrados, surdos, mudos. Uma imagem em diferentes representações e que dominou o debate sobre as relações entre mídia, consumo cultural e infância nos últimos cinquenta anos. Uma hipótese que, reiterada inúmeras vezes, pareceu alcançar o senso comum. E se a tese do receptor passivo foi um paradigma dominante na história recente da teoria da comunicação e da mídia; quando o assunto é a **criança** esta passividade é quase inquestionável. Mesmo que a pesquisa crítica de recepção e mediações já acumule décadas de produção, são poucos os estudos que se detém sobre as competências das crianças em relação às mídias. E no senso comum é freqüente o argumento de que a criança é a vítima mais frágil dos efeitos da mídia, os quais as tornam apáticas, subservientes, vulneráveis. Portanto, uma discussão sobre novos paradigmas para a compreensão das relações entre mídia, infância e consumo precisa percorrer tanto o itinerário do conceito de receptor (na teoria da comunicação) como o de infância (teoria



sociológica) e identificar a tensão nas condições de recepção da criança, supostamente o mais vulnerável de todos os grupos sociais. E esta é a problemática que ancora o nível teórico da pesquisa.

### **A pesquisa de telenovela com crianças**

Nas décadas recentes verifica-se uma ampliação significativa do número de pesquisas sobre a temática da telenovela nos países latino-americanos a partir de diferentes enfoques, sobretudo com ênfase nos processos de recepção, mediações e formas de reconhecimento do público na obra. Em especial, a partir dos anos 80 do século passado, com o desenvolvimento da chamada *teoria latino-americana das mediações*, ocorre uma renovação significativa dos quadros de referência teórica que a partir da realização de pesquisas empíricas sobre os usos sociais e as apropriações das textualidades televisivas, em especial o formato telenovela, trazem novas inferências sobre a atividade do público receptor e os processos de consumo ativo e de ressignificação das mensagens. Porém, dentre estes marcos conceituais e teóricos ainda são escassas as pesquisas e referências sobre a problemática da recepção de telenovela *por parte do público infantil*.<sup>6</sup>

### **O que pensam as crianças sobre a telenovela?**

Como destacado anteriormente, nossa proposta é buscar ouvir o que a criança tem a dizer sobre a sua “dieta midiática” (Silverstone, 2002), seu repertório e acesso aos bens culturais. Nas páginas que se seguem apresentamos *as falas das crianças*. Cabe destacar que, em grande medida, esta ainda é uma análise em curso, não finalizada, mas que já aponta questões de interesse. Mesmo que nossa pesquisa tenha aberto o foco mais amplo para questões de consumo de tecnologias, inclusão e cidadania, uma etapa fundamental foi a metodologia de recepção de telenovela e as possibilidades de usos de recursos de transmedialidade na sua recepção. Os depoimentos foram recolhidos com a realização de entrevistas semi-estruturadas e também com a produção de webnovelas. Destacamos a seguir algumas evidências empíricas apontadas pela análise do material recolhido em campo.

---

<sup>6</sup> Um olhar sobre as publicações da própria Rede Obitel revela que, dentre todas as pesquisas realizadas desde a sua implementação no ano de 2004, apenas uma delas, a saber: *As crianças e as telenovelas*, de autoria de Rita Maria Ribes Pereira e Kátia de Souza e Almeida Bizzo versa sobre as relações entre infância e consumo cultural, em especial a telenovela.



## O gosto pela telenovela

As crianças, em grande maioria, se mostraram ativas espectadoras de telenovela. Das 24 entrevistas realizadas, mais de 60% das crianças declararam **gostar** de novela e se mostraram competentes em analisar seus conteúdos. Na seqüência vamos apresentar algumas falas recolhidas com as entrevistas, nas quais as crianças apresentam os motivos que as levam a gostar das novelas:

*“Eu gosto de novela porque passam coisas interessantes e ensina muitas coisas.”*

*“Sim eu gosto! É legal. Mutantes; Passione; Viver a vida. Eu assisto com a minha avó. Meus pais deixam. A que eu mais gostei foi Mutantes.”*

*“Eu gosto de novela porque algumas ensinam muita coisa. Eu vejo com meus pais, eles deixam. As novelas que eu mais gostei são Viver a vida, Ti-ti-ti; Escrito nas estrelas; Passione.*

*“Sim, eu gosto de novela, eu acho extrovertido. Gosto de Ribeirão do tempo; Canavial de paixões; Quase anjos; Ti-ti-ti e Passione. Eu assisto com a minha mãe e minha irmã. Meus pais não se importam.”*

*“Sim eu gosto de assistir novela porque a minha mãe assiste comigo. Ela deixa. A novela que eu mais gostei foi Bela a feia.*

*“Sim eu gosto de novela. Tem personagens tipo trapalhão, que bebem muito e dormem no jantar, como o Querêncio, de Ribeirão do tempo. Eu vejo também CSI; Passione e Ribeirão do tempo. Eu vejo novela sozinha, ou com a minha mãe e não com o tio. Meus pais deixam. Eu gostei também de Chica da Silva e todo mundo me chama de Chica da Silva.*

*“Sim eu gosto de chegar em casa depois da escola, fazer as tarefas e então ver a novela. Eu vejo com o meu padrasto e meu irmão. Sim, minha mãe deixa. A novela que eu mais gosto é Isa TKM, da Band.*

*“Eu acho que novela, algumas são chatas, outras são legais. Sim eu vejo Ribeirão do tempo, com minha mãe e minha prima. Minha mãe deixa. Ela só não deixa eu ver alguns filmes. As novelas que eu mais gostei são: Caminhos do coração e Mutantes.*

*“Sim eu gosto de novela porque ocupa o tempo. Eu gosto de Mutantes porque tem gente com jeito de ser animal, vampiro, lobisomem. Eu gosto também de As tontas não vão ao céu; Quase anjos e As visões da Haven. Mutantes eu vejo com o pai e a mãe, eles gostam. As outras eu vejo sozinha. Sim, eles deixam, teve uma que a mãe não deixou.*

*“Sim eu gosto de novela, é interessante. Mostra a cidade onde se passa, as pessoas, as casas, os atores, é bonito. Eu assisto com minha mãe e minha tia. As que eu mais gostei foram Ribeirão do tempo e Passione.*





*“Sim eu gosto de novela porque é legal. Eu assisto com a minha mãe. A novela que eu mais gostei foi Ti-ti-ti.”*

Dos motivos que levam as crianças a gostar de novela verificam-se desde a sociabilidade e a companhia dos pais e avós (o estar juntos); como o interesse e a curiosidade pelos conteúdos, o entretenimento e a identificação (valores e estética).

Dentre as crianças que afirmaram **não gostar** de novelas (a minoria de 6%) verificamos uma recusa que se mostra pela preferência tanto à outras atividades lúdicas (soltar pipa e jogar futebol) como pela fruição de outras formas culturais (como o livro e o filme) e pela crítica aos seus conteúdos. Como por exemplo, a fala abaixo:

*“Não eu não gosto de novela. Quase nunca assisto. Gosto de Mutantes porque é meio parecido com filme. Passione é violento. Homem bate em mulher. O Fred bate muito na Clara. As novelas que gostei são Mutantes e Ana Raio e Zé Trovão. Novela é chato, aquela (Viver a vida) era muito chata. Só passa coisas de mentira e violência. Eu me lembro da cena do acidente e que a Luciana ficou sem andar. Eu gosto de As visões da Haven e de Chavez. De novela eu não me lembro, me lembro dos livros que eu li: A narração do terror; Crepúsculo; Eclipse, Lua nova. Eu também gosto de ir ao cinema.”*

### **A mediação da família de religiosidade evangélica**

Outro dado que nos chamou a atenção foi o número de vezes em que verificamos a resposta: “meus pais mudam de canal nas cenas impróprias”. Este dado nos chamou a atenção para a presença marcante da mediação familiar no processo de recepção das novelas, e em grande medida esta resposta veio de crianças que declaram ser de religião evangélica, o que nos permitiu concluir que a mediação familiar por parte destas famílias se mostrou mais freqüente e também mais restritiva.

*“Eu assisto com minha mãe e meus irmãos. Meus pais deixam mas mudam o canal nas cenas impróprias.”*

*“Eu gosto de novela porque mostra a realidade da vida. Eu assisto com a minha avó. Sim eles deixam e eu tapo os olhos em cenas impróprias.”*

*“Sim, eu gosto de novela porque eu me apaixonei pela novela Esmeralda. Eu assisto com minha mãe e meus irmãos. Eles deixam mas mudam o canal nas cenas impróprias. A novela que eu mais gostei foi Mutantes.”*

*“Sim, eu gosto de novela porque não tem mais nada passando de que eu goste. Eu vejo com a minha irmã. Minha mãe deixa mas ela muda de canal nas cenas impróprias. As novelas de que eu mais gostei foram Caminho das Índias e Bela a feia.”*





*“Minha mãe não deixa. A da noite ela não deixa. Só vejo as novelas que passam de dia. Eu assisto Isa TKM.”*

*“A minha mãe assiste, só por isso que eu assisto. Os meus pais me deixam assistir mas mudam o canal nas cenas impróprias.”*

*“Nas cenas obscenas os meus pais mudam de canal”.*

### **A memória da criança quando o assunto é novela de TV**

Outra dimensão importante para a compreensão dos processos de apropriação dos conteúdos se manifestou pela memória com respeito à novela investigada. Houve uma frequência considerável de crianças que declararam não se lembrar da telenovela *Viver a vida*. Das 24 entrevistadas, 11 delas (quase a metade) informaram que não se lembravam da novela. Aqui a realização das entrevistas exigiu um pouco mais de paciência quando então apresentamos a questão novamente quando algumas lembranças rápidas emergiram:

*“Eu não me lembro muito bem de *Viver a vida*. Só me lembro da cadeira de rodas.”*

*“*Viver a vida* eu não me lembro. Só me lembro da cena do acidente da Luciana, só.”*

*“Não eu nunca gostei de assistir novela. A minha mãe assiste. Mas eu não me lembro nem leio nada sobre novela.”*

*“Eu gostei de *Ribeirão do Tempo*, *Poder Paralelo*, *Os mutantes* e *Chamas da Vida*. Não me lembro de *Viver a vida*.”*

*“Eu gostei de *Duas caras*, *Bang-Bang*; *Caminho da Índias*. Eu não me lembro de *Viver a vida*, só da **cena do acidente** da cadeirante.”*

*E aqui alguns depoimentos que revelam um repertório ampliado sobre a novela:*

*“Eu gostei de *Viver a vida*. Eu não me lembro de muita coisa. Eu me lembro do **acidente** e das **brigas dos 2 irmãos**.”*

*“Eu gostei muito de *Viver a Vida* e o que eu mais gostei foi que o Miguel ficou com a Luciana mesmo ela estando doente. E a cena que mais marcou foi a do **acidente**.”*

*“Em *Viver a vida* o que eu mais gostei foram as **brigas do Jorge e do Miguel**. E a **cena que mais marcou** foi quando a Helena não deixou a Luciana entrar no carro e ela sofreu o acidente.”*

*“Sim eu me lembro de *Viver a vida*. Eu me lembro da Luciana, que ela gostava do Jorge e depois ficou com o Miguel.”*



*“Eu me lembro de Viver a vida. A Helena ficou com o Marcos e depois ficou com o Bruno. A Luciana ficou com o Jorge e depois com o Miguel. E ela casou também. A **cena do casamento** da Luciana foi a mais marcante, a casa do pai ficou linda.”*

*“A novela Viver a vida eu achei mais ou menos, ela tinha umas partes nada a ver. O que eu mais gostei naquela novela foram os dois atores. A cena que mais marcou foi **quando a Helena brigou com a Luciana.**”*

*“Eu gostei de Viver a vida. Eu me lembro que falava de acessibilidade. Eu me lembro que a Luciana ia pegar o ônibus e eles não paravam para ela. A cena mais marcante para mim foi a **do acidente.**”*

*“Eu me lembro de Viver a vida, e o que eu mais gostei foi do **cabelo encaracolado** da Helena. A cena mais marcante para mim foi quando a **Helena ficou com um homem mais velho do que ela.**”*

*“Sim eu me lembro de Viver a vida. A cena mais marcante para mim foi quando a **Luciana caiu da cadeira de rodas.**”*

*“Eu me lembro de Viver a vida, me lembro de quando a **Dora falou que estava grávida** do Maradona. A cena mais marcante para mim foi a **do acidente da Luciana.**”*

### **A transmedialidade na recepção**

Outro conceito em foco para esta pesquisa é o de transmedialidade. Tivemos a preocupação de, juntamente com os demais pesquisadores da Rede Obitel Brasil, verificar a emergência de estratégias de fluxos e trânsito da narrativa da telenovela em outras plataformas. Esta pesquisa partiu da recepção, tentando verificar se as crianças realizam algum tipo de investimento em buscas de outros suportes materiais para a fruição da narrativa de ficção televisiva, em especial a telenovela. Não consideramos que as respostas recolhidas apontam para a fruição e a emergência de um *transmedia storytelling*. As respostas confirmam hipóteses que há muito já foram anunciadas e que indicam que as textualidades televisivas são mediadas por textos primários, secundários e terciários na medida em que são ressignificadas pela sociedade e pela própria mídia (Silverstone, 2002; Fiske, 1991). Isto ficou evidente nos depoimentos recolhidos:

*“Eu costumo ler sobre a novela em **revistas**. Eu gosto de saber o que vai acontecer. Os **programas de fofoca** também contam o que vai acontecer.”*

*“Eu fico sabendo sobre a novela nos próprios **intervalos.**”*

*“Eu só encontro coisas sobre as novelas da Globo, sobre as outras eu não encontro. Eu olho as **revistas na banca.**”*



*“Se eu pesquiso sobre a novela, só no **Orkut**, quando vou na casa da minha mãe.”*

*“Eu posso ver a novela no **YouTube**.”*

*“Eu costumo ler sobre a novela no **computador**, na lan house ou no telecentro. Eu gosto de saber o que vai acontecer na novela. Eu leio nas **revistas** *Sou mais eu; Minha novela; Capricho e Love*. “*

*“Eu gosto de saber sobre novela, eu vejo no computador, nas revistas. Eu gosto de saber o que vai acontecer eu fico ansiosa. **Eu fico sabendo pela revista, pelo computador ou quando alguém fala.**”*

*“Eu leio sobre a novela **na internet**. Eu vejo os capítulos no YouTube. Tem tudo sobre as novelas na internet. Se eu quisesse saber eu poderia. No sábado e no domingo eu consigo ver o que passou e se eu quiser saber o que vai passar eu consigo. Às vezes eu leio sobre a novela no computador e as minhas amigas me mandam **mensagens**.”*

*“Se eu quiser saber sobre novela eu leio **na revista** e vejo **no computador**.”*

*“Eu posso saber sobre a novela nas revistas da minha mãe, mas **eu não costumo ler sobre novela**.”*

*“Eu costumo ler sobre a novela nos **jornais**.”*

### **As webnovelas produzidas**

Nossa permanência em campo possibilitou também a realização de uma experiência de mídia-educação com a realização de cinco episódios de webnovelas. Este trabalho foi uma contrapartida oferecida à escola que nos recebeu pelo período de um semestre. O trabalho na escola incluiu a realização de palestra para o corpo docente sobre diferentes enfoques a respeito da mídia no conjunto das teorias da comunicação e educação e novas possibilidades de crítica e usos sociais dos meios. E a realização de uma atividade de mídia-educação (experiência piloto) com a mesma turma da pesquisa como atividade inter e transdisciplinar com o foco direcionado aos temas geradores definidos pela própria escola.

### **A resignificação com a produção de webnovelas**

A realização das webnovelas partiu da iniciativa da professora Roberta Duarte, responsável pela 4ª. Série com a qual estávamos trabalhando. A professora partiu de *temas geradores* e as crianças criaram redações sobre as seguintes questões: (i) deficiência física; (ii) intolerância; (iii) superação (iv) amizade e (v) amor. O trabalho envolveu a redação das histórias e posteriormente todas as etapas de produção dos



vídeos com: criação dos *story boards* (para que as crianças pudessem realizar o trânsito da forma escrita para a linguagem visual. Posteriormente, os roteiros foram criados. E na seqüência, a decupagem de produção para definição das locações, figurino, maquiagem, atuação, assistência de direção e assistência de câmera. As gravações foram todas realizadas com uma pequena câmera digital em um sábado, durante todo o dia, nas dependências da própria escola.

O mais interessante a observar foram as referências à telenovela estudada (*Viver a vida*) em vários aspectos das narrativas construídas pelas crianças, que redigiram estas redações justamente quando a telenovela estava no ar. Na webnovela sobre deficiência e portadores de necessidades especiais há uma narrativa de um cadeirante que supera a sua doença a partir do momento em que sua mãe o visita no hospital. Isto nos permite inferir sobre a ressignificação da telenovela no imaginário das crianças com as quais trabalhamos, como uma narrativa de superação que difere da telenovela veiculada. Outra webnovela sobre o amor romântico fez referências à cidade de Paris, justamente quando os personagens da telenovela *Viver a vida* Luciana e Miguel estavam passando alua de mel nesta cidade. E outra webnovela sobre o amor entre namorados as crianças roteirizaram o final da história com um grande casamento, fazendo uma citação explícita ao fato de que “quase toda” telenovela termina com esta cena.

A realização das webnovelas nos permitiu inferir sobre as questões de ressignificação do conteúdo da teleficção no imaginário e a competência cultural da criança com relação a este gênero em particular e sua tradução na cultura brasileira.

### **Algumas conclusões**

A pesquisa empírica significa, de certa forma, sair da nossa “zona de conforto” e enfrentar o trânsito, o sol, a chuva para cumprir com um cronograma de visitas semanais a uma comunidade distante. E então se dedicar a uma intensa coleta de dados. E o desafio maior ainda está por vir: a interpretação sempre exige um tempo diferente, um aprofundamento maior. Este artigo traz o resultado de um investimento em uma proposta de pesquisa de recepção de telenovela com crianças. O que significa um investimento teórico-metodológico muito particular, em se tratando dos sujeitos em questão, o modo como se comportam diante do pesquisador, como respondem, como criam, como refletem. O que apresentamos aqui é um convite aqueles que desejam



ampliar as nossas referências sobre a participação das crianças na cena sócio-midiática contemporânea a partir de novos paradigmas que compreendam a criança de modo mais complexo, em diálogo com a ampliação das suas possibilidades de participação nas dinâmicas culturais contemporâneas.

Nesta primeira etapa da análise dos dados alguns resultados demonstram que podemos inferir em relação à competência da criança leitora de telenovela. As crianças entrevistadas demonstraram uma recepção em grande parte, ativa. Foi possível verificar, em nossa análise alguns sentidos sociais amplos na recepção da telenovela por estas crianças, a confirmação de hipóteses teóricas anteriores. Em outras palavras, a o sentido da telenovela sem amplia para além do texto apresentado na tela, ela representa também: a possibilidade da convivência familiar, a participação no comentários social, a religiosidade familiar e a competência cultural.

Com relação à experiência de produção, cabe um destaque, a realização de webnovelas na escola pública se mostrar forte mobilizador e catalisador das atividades com as crianças. As crianças demonstraram grande interesse na atividade e houve ampla participação do grupo. O que também enriquece o debate sobre a Educomunicação, uma vez que o processo possibilita uma reflexão também sobre cognição e construção do conhecimento no âmbito da criação coletiva com o uso das novas mídias, as mídias digitais.

## REFERÊNCIAS

ALONSO, Luis Enrique. *La era del consumo*. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2005.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

BUCKIGHAM, David. *Crescer na era das mídias*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

CHARLOT, Bernard. *A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.



DENZIN, Norman e LINCOLN, Yvonna. *Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. São Paulo: Artmed, 2006.

FISKE, John. *Television culture*. Londres: Routledge, 1991.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1992.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. ‘Infância: entre a anterioridade e a alteridade’. In SOUTO, Kely; SOUZA, Marco; TOSTA, Sandra; VIANNA, Graziela; RIBEIRO, Ruth (orgs.) *A infância na mídia*. Belo Horizonte: Atêntica, 2009.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Editora Aleph, 2008.

LOPES, Maria Immacolata V. ‘Transmediação, plataformas múltiplas, colaboratividade e criatividade na ficção televisiva brasileira’ in LOPES, MIV. (et al) *Ficção televisiva no Brasil: temas e perspectivas*. Rio de Janeiro, Editora Globo, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

OROFINO, Maria Isabel. *Mídias e mediações escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade*. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. *Mediações na produção de TV: um estudo sobre O Auto da Compadecida*. Porto Alegre: PUC RS, 2007.

\_\_\_\_\_. *Crianças, recepção e imaginários do consumo*. Porto Alegre: Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Recepção, Usos e Consumo Midiáticos”, do XX Encontro da Compós, na UFRGS, Porto Alegre, 2011.

OROZCO GOMÉZ, Guillermo. *Televisión, audiências y educación*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2007.

RIBES PEREIRA, Rita Marisa e BIZZO, Kátia de Sousa e Almeida. ‘As crianças e a telenovela’ in LOPES, MIV. (et al) *Ficção televisiva no Brasil: temas e perspectivas*. Rio de Janeiro, Editora Globo, 2009.

SEM, Amartya e KLIKSBURG, Bernardo. *As pessoas em primeiro lugar: a ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo, Edições Loyola, 2002.



WILLIAMS, Raymond. *Television, technology and cultural form*. New York: Schocken Books, 1975.